

A EVOLUÇÃO LINGÜÍSTICA DO HEBRAICO

Com a existência do Estado de Israel surge a pergunta: qual é a sua língua oficial, o hebraico clássico da Bíblia, um dialeto modernizado, e em que relação está êste idioma com o antigo? Em vista desta pergunta vale a pena descrever em linhas mestras a evolução lingüística do Hebraico.

Na grande árvore genealógico dos idiomas que costumamos denominar semíticos, o Hebraico é parente próximo dos dialetos cananeus e o do fenício, estando êste grupo de línguas entre o árabe e o aramaico. Sua gramática e suas formas lingüísticas não são tão diversificadas como as do árabe, com um sem-número de dialetos locais e regionais, nem são tão simplificadas como as do aramaico, o qual em uso como língua internacional do antigo Oriente Médio também se apresenta em número grande de variantes locais, sendo que, por exemplo, Jesus o falava, e alguns dos Evangelhos devem ter nêle tido a sua redação original.

Quando em fins do século passado se escreveram as obras da mais radical crítica da Bíblia, um homem como o famoso Wellhausen, estabeleceu a tese que os hebreus, nômades, inclusive o vulto de Moisés, tenham sido analfabetos. Hoje sabemos através da arqueologia e dos seus achados feitos neste século, que já tempos antes de Moisés se formara o alfabeto de letras. Isto nos ensinaram os achados de Sir Flinders Petrie na península sinaítica bem como os de Ugarit-Ras Shamra-Biblos, na antiga Fenícia, no norte da Palestina, quando comerciantes fenícios transformaram as complicadas composições de palavras de escritas de imagens e de cuneiformes em um sistema alfabético. A denominação alfabética aramaica herdou-se através do grego aos grupos lingüísticos europeus. (**Alfa** é o aramaico **Alef**, **Beta** é o aramaico **B**, **Gama** é o aramaico **Guimel**, **Delta** é o aramaico **Dalet**, etc., etc.). Com a existên-

cia de um alfabeto assim simplificado, e existindo êste já antes de Moisés, não resta mais dúvida que os hebreus, como portadores de uma alta cultura, manifesta no Decálogo, etc., eram letrados.

Êste sistema de letras do antigo semítico, em uso em Canã e nas circunvizinhanças, fica documentado em monumentos do primeiro milênio antes da nossa era, como por exemplo, na famosa inscrição de Shiloa em Jerusalém, ou na pedra do Rei Meza de Moab, na Transjordânia. A partir dos últimos séculos antes da era cristã foi o antigo alfabeto semítico, no domínio de hebraico e aramaico, trocado pelo sistema de letras quadradas, então denominado KETAV ASHURI (sistema assiriano), mas ao qual de fato qualificamos de alfabeto aramaico, daquele idioma que foi durante séculos a língua internacional antes da era cristã bem como nos séculos após Jesus. Êstes tipos alfabéticos usam-se ainda hoje, também no hebraico modernizado de Israel. De fato, entre o próprio povo de Israel, durante séculos, ocupava o hebraico somente o lugar de língua escrita e dos eruditos, enquanto o idioma popular era o aramaico. Nêle é escrita grande parte até dos livros bíblicos de DANIEL e de ESDRAS.

Abrangendo um milênio de literatura religiosa, a Bíblia do Velho Testamento apresenta camadas sucessivas de desenvolvimento lingüístico. Opina-se que o famoso canto da Débora do livro dos Juízes é prova do hebraico arcaico ou arcaizante, — estendendo-se a evolução até a língua dos livros filosóficos, os mais novos do CANON BÍBLICO, de Provérbios e Kohêlet.

Como existe para a genealogia do Indo-Europeu um idioma básico, o SANSKRITO, assim procuraram os fundadores da filologia semítica comparada, Paul de Lagarde e Karl Brockelmann, um semítico básico, o qual denominaram de URSEMITISCH. Enquanto o Sânscrito é conhecido, o URSEMITISCH não o possuímos; e sim, sabemos somente que o árabe em diversas das suas formas lingüísticas primitivas, conservou algo dêste semítico básico. Assim, por exemplo, é a nossa hipótese que o URSEMITISCH possuía somente as três vogais

a, i, u, como as encontramos ainda hoje no árabe. Ou é de supor que as raízes semíticas, em regra compostas de três elementos, consoantes, herdaram esta qualidade do URSEMITISCH. Também é hipótese que do semítico básico data que a raiz original é o verbo e que dela se derivaram através de flexões os substantivos.

Denominamos de Hebraico Clássico tôda a literatura bíblica do Velho Testamento, cientes de que um milênio, em que os 24 livros tiveram origem e redação, representa um prazo assaz largo de evolução para uma língua. No milênio que se seguiu à época bíblica, houve as discussões rabínicas, outra vez um milênio mais ou menos, chamadas de Talmude, havidas simultâneamente na Palestina e na Babilônia no exílio. Êste meio-ambiente influiu fortemente na língua dos rabinos, a qual representa uma espécie de intermediária entre hebraico e aramaico, língua popular. Temos até hoje em uso êste dialeto misto em documentos rabínicos como certidões, autorizações, certificados de casamentos e de divórcios.

Com o grande Moisés Maimonides do século XII inicia-se uma terceira época da história da evolução do Hebraico. Êsse vulto de teólogo e filósofo escreveu as suas obras rabínicas, esp. o MISHNÉ TORÁ (Recapitulação da Lei) em hebraico original, enquanto suas obras filosóficas — por serem dirigidas ao meio-ambiente árabe — se publicaram primeiro em árabe, sendo logo, sob sua supervisão, traduzidas ao hebraico. Esta linguagem de Maimonides representa um renascimento do hebraico clássico, tão distintas e claras são estilo e formas sintáticas da sua literatura.

Na segunda parte do século XVIII houve outra tentativa de renascimento da língua clássica, partindo de um judeu alemão, Moisés Mendelssohn, cujos grandes méritos se destacam em outra atividade: a da propagação filosófica e política da emancipação de seus irmãos na Europa central e oriental. Mendelssohn e seus adeptos na Rússia fundaram uma revista em hebraico clássico, chamando-a HAME'ASSÉF, o Colecionador, esforçando-se por revivificar a língua sacra.

Esta tentativa, todavia, fracassou, não saindo do ambiente acadêmico para o âmbito popular.

Um passo decisivo foi empreendido no fim do século passado, quando imigrou sob a bandeira sionista **ELIEZER BEN YEHUDA** em Jerusalém e resolveu com todo o fanatismo de idealista e de reformador falar somente hebraico, em casa bem como em público. Todo o seu ambiente “nolens volens” teve de adaptar-se àquilo que pareceu primeiro uma tentativa excêntrica. Com tremendo zêlo, tendo pouca saúde, **Eliezer Ben Yehuda** compôs o primeiro dicionário de hebraico modernizado, dedicando-se à árdua incumbência de encontrar na transformação e readaptação de raízes clássicas as palavras condizentes aos termos da vida moderna. O assim chamado Sionismo Cultural de **AHAD HA'AM** e de **HAYIM NAHMAN BIALIK**, a fundação da Universidade Hebraica de Jerusalém em 1925, bem como a instalação da Academia da Língua Hebraica, são os passos decisivos no caminho do renascimento do Hebraico como língua viva. Raízes clássicas e formas criadas na base do hebraico tradicional rabínico, medieval e filosófico empregam-se no intuito de adaptar a língua dos profetas às necessidades do século XX. E de semana em semana a academia da língua publica termos novos, sob a liderança e orientação de **HARRY TUR SINAI**; cada edição de um livro técnico, filosófico, literário, assim como cada jornal ou revista criam formas e palavras antigas — novas que fazem renascer a língua para um povo em renascimento.

O Hebraico Moderno não difere essencialmente do antigo; em todo o caso nem de longe há uma diferença como a do grego antigo em comparação com o moderno. Quem entende a língua dos profetas, compreende o idioma revivificado de hoje. Naturalmente se nota o desenvolvimento de palavras e formas gramaticais, mas o moderno não se afastou das suas bases clássicas, e é uma sensação tôda singular ouvir crianças falar e usar a língua e as expressões das personalidades bíblicas, de um **Jeremias**, ou de **Moisés**, o Mestre do povo.

Aqui não se falou até agora de outro idioma, até há uma geração em uso no meio das massas judaicas vindas de coleti-

vidades fechadas do leste europeu: o YDISH. Este não é idioma semítico, apesar de empregar o alfabeto hebraico. Quando no auge da Idade Média e das perseguições dessa época, a gente judaica foi expulsa da Europa Ocidental e Central, êles tinham levado consigo ao leste europeu, aonde se tinham refugiado, os costumes de vestir-se do burguês medieval, os estudos rabínicos do Talmude da França e da Alemanha, bem como a língua do antigo meio-ambiente, o ALEMÃO MEDIEVAL (Mittelhochdeutsch), idioma do famoso Walter von der Vogelweide. Em ambientes novos no leste europeu conservaram tudo isto, fielmente. O Mittelhochdeutsch evoluiu para o Alemão Moderno na Alemanha, e êles conservaram em ilha lingüística o idioma que tinham trazido consigo ao meio eslavo. A êste idioma juntaram-se expressões e raízes eslavas e talmúdico-hebraicas, mas a dicção e o grande tesouro de palavras e da vida da língua continuavam o Mittelhochdeutsch. Enquanto no meio-ambiente reinava o mais extenso analfabetismo, cada criança judaica frequentava a escola religiosa do CHEDER (básica) ou da YESHIVA (colégio), onde aprendia a ler as escrituras sagradas, usando então êsse mesmo alfabeto simultâneamente para a língua profana, da vida cotidiana. Os descendentes daqueles refugiados da Idade Média cultivaram até os nossos dias esta língua composta, a qual é um idioma e não só uma mistura de línguas, por possuir uma bonita e hoje bastante conhecida literatura. Através do término dos GHETTOS (coletividades fechadas) da Europa Oriental faltam ao YDISH os seus centros de cultivo, e em vista da competição do Hebraico renascido é de recear que êste idioma possa desaparecer como língua falada em uma ou duas gerações.

Quanto à importância do Hebraico Bíblico resta dizer que êste não sòmente deu origem à língua oficial do Estado de Israel e sim também a uma nova e vasta literatura, com o uso dos têrmos lingüísticos mais modernos, na técnica, nas ciências, na diplomacia, na poesia e prosa, etc. Recordamos que todos os idiomas modernos têm tido a sua formação através de traduções da Bíblia, como por exemplo, a versão alemã fei-

ta por Martin Luther, sendo o mesmo o caso com o nascimento do inglês moderno, do castelhano, do português. E o que é mais importante ainda a observar, fica o fato de que o espírito da Bíblia, nas expressões, nas parábolas, nos termos, nêles é transparente e vivo .

FREDERICO PINKUSS